

PADÉIA OU A EDUCAÇÃO DA CRÍTICA

Suzana Scramim

Em 1972, num texto publicado em *Los Libros*, n.º 28, Josefina Ludmer ao refletir sobre o trabalho da crítica literária dizia que o ofício crítico se insere no processo de produção de significação mediante a palavra escrita e ao mesmo tempo por meio de uma atividade de leitura da palavra escrita de outro, da obra literária, assim concluía a autora “el trabajo crítico es, sobre todo, una serie articulada de lecturas escritas.”¹ Ao apresentar seu estudo no Colóquio “Periodismo Cultural no Cone Sul”, promovido pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, em 1995, Maria Lucia de Barros Camargo, afirma que crítica literária se constrói e é construída com base nas atividades dos periódicos literários.² Reforçando essa hipótese de leitura, poder-se-ia dizer que quando as leituras escritas são publicadas em periódicos especializados o trabalho da crítica literária é potencializado.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelas revistas de associações de professores e pesquisadores em literatura apresenta um expressivo levantamento, teórico e prático, da nova crítica, através de uma feliz amostragem de análises, relatos e de inventários nesse campo. O projeto de pesquisa “A literatura e seus professores: as pedagogias estéticas nas revistas *Linha d’Água*, *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, a *Revista da ANPOLL* e a revista *Inimigo Rumor*”, projeto esse integrado ao projeto de pesquisa “Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos”, detectou, analisando as funções desses periódicos e a sua influência nos rumos da crítica literária, uma espécie de passagem comunicante entre produção crítica dos professores e dos pesquisadores em literatura, publicada nos referidos periódicos e nos anais dos congressos da ABRALIC e as orientações curriculares tanto no ensino médio quanto no superior. Com isso, evidenciam-se as relações entre a investigação científica da literatura operada por críticos e teóricos nas universidades e institutos de pesquisa e o fortalecimento do cânone nacional literário, bem como seus desdobramentos no tratamento disciplinar da literatura e na visibilidade que alguns autores acabam por obter no mercado editorial. Sabe-se que a idéia do nacional, ou da nação, criam uma complexa relação com a configuração cultural de uma sociedade. Se por um lado, com essa idéia de nacionalismo oficial, investe-se na construção de sistemas simbólicos que incluam o elemento heterogêneo, constituinte da nova força política determinante nas democracias de massa do ocidente moderno, por outro, acaba por controlar e cimentar, portanto, homogeneizar o campo social. Ao considerar-se a função e o resultado obtidos por uma cultura literária fundada num cânone nacional, poder-se-á compreender o quão importante se torna a atividade pedagógica, esteja ela vinculada a sistemas de transmissão cultural estatais como a instituição de educação formal, esteja ela pagando tributos a sistemas privados de conformação de cultura.

Aqui o interesse de pesquisa se restringe à primeira alternativa: os procedimentos pedagógicos de conformação de padrões crítico-teóricos de que se valem as instituições que congregam pesquisadores e professores de literatura. Um desses procedimentos é justamente o de publicar a leitura escrita de seus membros em periódicos especializados. Mas não declina de considerar os processos de

1 Ludmer, Josefina. “Hacia la crítica”, em *Los libros* nº 28, Buenos Aires, set. de 1972, p. 5.

2 Camargo, Maria Lúcia de Barros. “Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa”, em *Continente sul sur*. Porto Alegre: IEL, nº 2, 1996, p. 111-120.



transmissão e de conformação de um ideário nacional moderno exercidos por instituições que estão obedecendo a orientações de um regime privado.

Depois de indexar os dezesseis números da revista *Linha d'Água* 3, publicados num período que compreende os anos de 1980 e 2000, foi possível construir um mapa no qual está presente o aparato educacional, ou seja, a instituição formadora. A revista *Linha d'Água* se dedica a divulgar os textos críticos de professores de língua e literatura do ensino médio e superior que estejam vinculados à Associação de Professores de Língua e Literatura, a APLL. Alguns dos professores que publicaram no periódico não eram professores associados. Todavia, seus textos encontraram receptividade na revista devido à importância atribuída a seus trabalhos pelos professores da APLL. Nela encontramos ensaios de Antonio Candido, Roberto Schwartz, Walnice N. Galvão, João Alexandre Barbosa, Paulo Freire. Os temas abordados nos ensaios de um modo geral se referem a questões relacionadas ao ensino de modo geral e ao ensino da literatura.

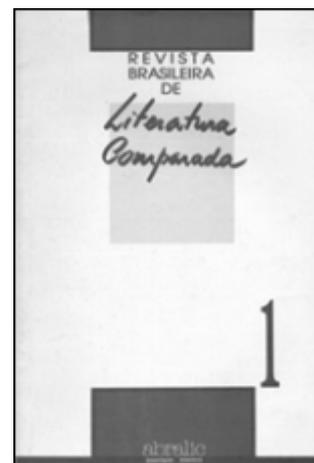
Antonio Candido, em palestra proferida na Associação de Professores de Língua e Literatura, em dezembro de 1979, publicada no segundo número da revista *Linha d'Água*, relembra o paternalismo inerente à posição do professor nos anos 20 e 30 no Brasil. Se considerarmos isso como uma premissa, passamos de uma condição maternal do ensino, anterior ao advento da sociedade moderna e estatal, para uma condição paternal, hierarquizada, marcada por diferenças de classes e de gênero, condizente com uma nova sociedade funcionalista. Entre uma e outra posição do professor, há ainda aquela que o assemelha ao um técnico altamente especializado que se situa fora tanto do âmbito maternal quanto do paternal, ou seja, assume uma condição antifamiliar. Dessas posições derivam posturas frente ao texto literário e sua abordagem. Nesse mesmo texto, Antonio Candido ainda assinalava o caráter renovador e socializante das associações docentes, bem como a força dos seus instrumentos na influência do cotidiano escolar, seja através da formulação dos currículos seja nas definições adequadas das funções docentes. Isso acontece devido à condição de excentricidade que ocupam as associações em relação à escola. Nesse sentido, a produção crítica das associações de professores acaba por adquirir um sentido de movimento.

É importante dizer que não se publicam em *Linha d'Água* somente ensaios, há espaço para relatos de experiências com ensino, entrevistas com educadores e autores de literatura. Sendo assim, configura-se um certo tipo de abertura quanto às modalidades de registro escrito, o que deixa entrever que nas orientações do referido periódico se articula uma concepção de língua e de literatura que prevê uma ruptura das fronteiras que separam os estudos de língua e os estudos de literatura em dois campos científicos separados. No seu primeiro número, em 1980, a revista *Linha d'Água* publicou um ensaio crítico da professora Walnice Nogueira Galvão cujo eixo principal é a constatação feita pela autora da aproximação entre os estudos literários e algumas áreas das ciências humanas. Desse efetivo alargamento, ou como quer a autora, desse "desejo por contextualizar o texto literário", derivaria uma necessidade de incrementar os currículos de literatura com disciplinas como a sociologia e a antropologia. Tal postura era um tipo de resposta às vicissitudes pelas quais passava, e ainda passa, a docência, dilacerada entre a premência de fazer e/ou pensar, de reproduzir e/ou produzir, e os estudos

3 Esse trabalho de levantamento de dados e de indexação da revista *Linha d'Água* foi efetuado pela bolsista de Iniciação Científica Márcia Tomoe Nakamura.

literários, em constante tensão entre uma abordagem mais literária do texto e a aproximação da crítica de literatura das diferentes áreas das ciências humanas.

A seu modo a *Revista Brasileira de Literatura Comparada* trata com maior incisão essas tensões pelas quais passa a literatura e seu ensino. Por exemplo, em seu quarto número a revista problematiza a tensão entre as instituições do nacional, como enfatizou Raul Antelo, no prefácio desse número da revista, e “o cânone e seu outro, a cultura popular”. No entanto, na maneira de organizar as publicações, tanto a *Revista Brasileira de Literatura Comparada* como a *Revista da ANPOLL* não abrem mão de um único gênero textual: o ensaio. Não há entrevistas, não há relatos e tampouco se publicam poemas ou narrativas. O ensaio como gênero por excelência da expressão canônica da crítica literária mantém seu lugar cativo nos seis números da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* e nos quatorze números da *Revista da ANPOLL*.



A *Revista da ANPOLL* seria a mais institucional das revistas em questão neste estudo por ser uma publicação da associação de programas de pós-graduação. O processo de institucionalização da literatura, como lembra o estudo de Machado de Assis, em 1873, no conhecido ensaio “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, possui relação direta com o processo de institucionalização do Estado moderno no Brasil. Desde então, sabe-se que a literatura como instituição é produto de uma construção operada por sistemas de governo de base nacional-estatal modernos. A tradição moderna na América Latina foi estabelecida no mesmo processo em que se formaram as suas respectivas literaturas nacionais. Esta modernidade latino-americana, que previa estados nacionais fechados e autônomos, também dependia da constituição de uma língua nacional impressa, oficial, e de uma cultura impressa e oficial, que encontrariam suas maneiras de existir na tradição literária. Assim, a língua e a literatura seriam conformadas nos mesmos parâmetros políticos do Estado. Isso significa que a tradição nacional literária na América Latina compreende o processo de formação de uma cultura nacional como uma construção e como um problema, uma vez que o Estado como instituição que inclui e ao mesmo tempo exclui mantém, além de outras, relações de dependência com todas as instituições que possam fortalecer o campo simbólico da nação. Dentre estas instituições estão a literatura e o sistema de ensino formal as quais também assumem a ambivalente função de inclusão/exclusão. Sendo assim, seria possível pensar que trabalho desenvolvido pela *Revista da ANPOLL*, publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, reforça essa ambivalência da função do ensino/pesquisa da literatura e do ensino/pesquisa da língua nacional numa sociedade periférica em relação às sociedades modernas européias, como é a brasileira. Tal análise leva em conta que o ensino da literatura seja na universidade seja na escola média participa do processo de institucionalização através do caráter mobilizador da crítica escrita dos pesquisadores e professores de literatura publicada nos periódicos especializados.

No que toca ao processo de conformação cultural exercida por um regime de mercado privado, a revista *Inimigo Rumor* que publicou 12 números, desde 1997, no Rio de Janeiro, adquire contornos especiais nesta análise. Sendo uma das linhas editoriais da Editora 7 Letras, caracteriza-se por ser também uma revista institucional. No entanto, seu empenho não está direcionado à divulgação do trabalho de professores e pesquisadores de literatura, empenha-se numa outra tarefa: a de divulgar e publicar o trabalho de poetas e, mais recentemente, de críticos de poesia, ou ainda, como querem alguns de seus editores, de divulgar “a poesia”. A política editorial desenvolvida pela revista *Inimigo Rumor* contempla a

possibilidade de uma nova função para a revista literária em tempos de desgaste de sua função modernista, incluindo nessa função a vocação pedagógica, quer seja, criar um espaço paralelo de publicação para os novos autores e uma nova poesia. A *Inimigo Rumor*, seguindo essa orientação, publica poemas de autores sem que eles tenham alguma relação estética, ou façam parte de um grupo de poetas a afirmarem algum princípio orientador do trabalho com o verso. Publica poemas de autores que pertencem ao cânone moderno ao mesmo tempo em que faz vir a público os poemas de autores novos que possuem algum caminho já trilhado na produção de arte poética. No entanto, esse desejo por uma nova função do periódico literário, ou seja, a de criar um espaço paralelo, porque virtual, de publicação de poéticas individuais que escapem aos padrões gerados pelo cânone, não chega a tomar grandes proporções dentro da revista que acaba reafirmando a função modernista da qual deseja se distanciar, ou seja, a pedagogia do cânone nacional moderno. Há mais espaço destinado aos poemas de autores que se aproximam dos critérios do que se chama "a alta literatura" do que aos poemas potencialmente criadores de um espaço virtual de experimento, apesar de todo esforço em ousar com a publicação de poemas irreverentes com verve às vezes humorística produzidos por jovens autores. Quanto à publicação de crítica literária a revista preferiu divulgar os trabalhos de críticos experientes, professores de literatura cujo trabalho está mais do que reconhecido pela própria instituição acadêmica.

Uma das funções exercidas pelas revistas literárias no início do século XX estava relacionada à divulgação dos trabalhos de artistas reunidos em torno de um determinado valor estético comum. Dentre as funções das revistas selecionadas por esse estudo não se encontra a de divulgar propostas homogênea de determinado grupo de intelectuais, apesar de estarem reunidos sob forma associativa institucional. Nas revistas das associações de professores não há intenção em divulgar apenas uma determinada corrente crítica ou teórica, entretanto, os ensaios de crítica literária que se fazem publicar nestas revistas estão relacionados às linhas teóricas hegemônicas na crítica literária ocidental difundidas por pesquisadores vinculados a universidades também com forte influência nas tendências dos estudos literários. Isso remete diretamente a problemas de hegemonia entre campos de saber, problemas de hierarquia entre os objetos de um campo de saber. No ensaio "Método Científico e Hierarquia Social dos Objetos", Pierre Bourdieu relembra que, para se constituírem enquanto ciência, os trabalhos devem assumir como condição de pesquisa a produção de efeitos dessacralizadores.⁴ Para Bourdieu, a existência, nos campos de produção simbólica, de uma hierarquia dos objetos legítimos, legitimáveis ou indignos constitui-se em uma hierarquia das mediações por meio das quais se impõe a *censura* específica de um campo determinado. No seu entender, "a definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso."⁵ É a hierarquia dos objetos que, consciente ou inconscientemente, orienta os investimentos intelectuais dos agentes, mediados pela estrutura de oportunidades de lucro material e simbólico. Assim, os produtores que trabalham com objetos considerados "desvalorizados" esperam de um outro campo as recompensas que o campo científico lhes recusa de antemão. Pierre Bourdieu fala de uma hierarquia dos domínios e de uma hierarquia dos objetos. A hierarquia dos domínios orienta os investimentos intelectuais pela mediação da estrutura das oportunidades de lucro material e simbólico que ela

4 Esse ensaio de Pierre Bourdieu é de 1975 e apareceu justamente como o texto de abertura do primeiro número da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*.

5 Bourdieu, Pierre. "Método Científico e Hierarquia Social dos Objetos", em *Escritos de Educação, organização e tradução de Maria Alice Nogueira*. Petrópolis: Vozes, 1999.

contribui para definir. Seria necessário analisar a forma que assume a divisão, admitida como natural, em domínios nobres ou vulgares, sérios ou fúteis, interessantes ou triviais nos diferentes campos, em diferentes momentos.

A *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, a revista *Linha d'Água* e a *Revista da ANPOLL* possuem projetos acadêmicos com pontos em comum: a opção por rediscutir categorias de língua literatura nacionais. Porém, se a Associação de Professores de Língua e Literatura, a APLL, aposta no trabalho em torno de questões do nacional popular sem problematizar a questão do nacional, ou seja, publica textos nos quais a categoria de língua e de literatura nacionais não é desnaturalizada, a Associação Brasileira de Literatura Comparada, irá, de modo incisivo, rediscutir e problematizar essas mesmas categorias. Por outro lado, a ABRALIC com suas publicações assume uma lacuna não preenchida pelas publicações da revista *Linha d'Água*: a dos estudos avançados não aplicáveis diretamente no ensino. Seria oportuno lembrar que uma concepção mais produtiva de ensino não declinará da premissa de que não há trabalho pedagógico de qualidade sem uma pesquisa de qualidade. Ainda com Bourdieu poder-se-ia pensar que próprio efeito de dessacralização que a ciência deve produzir (para se constituir) e reproduzir (para se comunicar) "é mais facilmente obtido quando se vê obrigada a pensar o universo por demais prestigioso e por demais familiar da pintura ou da literatura mediante uma análise da alquimia simbólica pela qual o universo da alta costura produz a fé no valor insubstituível de seus produtos" 6.

No primeiro número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* Tânia Franco Carvalhal 7 publica um ensaio em tom inaugural cujo diapasão era o de recuperar o prestígio dos estudos comparados de literatura. Esse resgate é operado em nome de uma abordagem universalista, internacionalista e essencialmente literária presente nos estudos comparados já no seu surgimento: o século XIX. Caráter esse que no decorrer do século XX foi diminuído a partir dos questionamentos e do impasse sofrido pelos conceitos de universal, de nação, de autoria e até mesmo de literatura. O objetivo do ensaio era o de justificar a retomada de um domínio, ou seja, uma orientação teórica que colocasse a literatura comparada na hierarquia dos métodos nobres de abordagem da obra literária. Disso decorre uma outra retomada. Se a atualização da crítica comparada retoma não mais como valor absoluto os fundamentos sobre os quais se alicerçaram os estudos comparatistas, não deixa, todavia, de considerá-los no âmbito de seus estudos, agora não mais como fundamentos, mas sim como vertentes para problematizar aquelas mesmas noções. As fronteiras agora não são mais somente as das nações literárias, mas as das disciplinas. Os estudos comparatistas deixam de ser os mediadores culturais entre o isolacionismo nacionalista e as ambições do universalismo para exercerem a função de passagem do campo literário para o campo das ciências humanas cujo pressuposto básico é a multiplicação de competências. Passamos agora do campo dos domínios para o campo dos objetos de pesquisa. Se a hierarquia dos domínios orienta os investimentos intelectuais pela mediação da estrutura das oportunidades de lucro material e simbólico que ela contribui para definir, seria possível organizar os objetos de pesquisa de acordo com duas dimensões independentes: segundo o grau de legitimidade e segundo o grau de prestígio no interior dos limites da definição. Ao elegerem como fundamento de suas análises a passagem do campo especificamente literário para um outro campo, o das ciências humanas, os estudos comparatistas tendem a definir o grau de legitimidade e o grau de prestígio que os objetos literários tendem a assumir na hierarquia de valores da cultura literária nacional e da cultura literária ocidental internacional. Dessa forma, passam não a amplificar a potência do texto literário, mas antes a nomear e instituir, no campo

6 Idem.

7 Carvalhal, Tânia F. "Literatura Comparada: Estratégia Disciplinar", em *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 1. Niterói, 1991.

literário, objetos que normalmente não teriam o mesmo prestígio neste campo. Essa ampliação do campo literário não resultou numa conseqüente amplificação das possibilidades de leitura do texto literário propriamente dito. O questionamento do objeto literário se limitou a uma consideração nominalista.

Desde sua restituição no espaço nobre e prestigioso dos estudos literários das universidades norte-americanas, européias e latino-americanas⁸, e no Brasil com a criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada, os estudos comparatistas esboçam interesse especial por gêneros textuais que mantêm relações limítrofes com o literário. Gêneros antes desprestigiados frente ao cânone ocidental e nacional alçam a categoria de expoentes de uma nova literatura ou de uma literatura que se institui tardiamente devido a sua recepção à margem em sua época. Os ensaios publicados nos quatro primeiros números da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* desenham uma preferência dos pesquisadores por alguns objetos, cito alguns como exemplo: "Sujeito e identidade cultural" e "Literatura Comparada. Espaço Nômade do Saber"⁹, ambos de Eneida Maria de Souza; "Modernidade e tradição popular"¹⁰, de Silvano Santiago; "Histórias do Brasil"¹¹, de Raul Antelo; "Nações Literárias"¹², de Wander Melo Miranda; "Viagens Textuais: Um Percurso: América-África-Europa"¹³, de Maria Aparecida Santilli; "Um Fenômeno Poliédrico: O Romance-folhetim Francês do Século XIX"¹⁴, de Marlyse Meyer; "Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone"¹⁵, de Eduardo Coutinho; "O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas"¹⁶, de Irlemar Chiampi; "'Don't interrupt me': The Gender Essay as Conversation and Counter-canon"¹⁷, de Mary Louise Pratt.

A Associação Brasileira de Literatura Comparada, fundada em 1986, e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, exerceram grande influência no processo de debate de teorias e de crítica a discursos críticos nos seus mais diferentes modos de abordagem do texto literário nem sempre numa perspectiva comparatista. Muitas vezes, conforme se observa na amostra de ensaios levantada no parágrafo anterior, a existência da literatura foi justamente questionada em pesquisas desenvolvidas no interior das associações. Em sua aproximação de algumas áreas das ciências humanas, como salientou Walnice Nogueira Galvão em ensaio publicado no número de abertura da *Revista Linha d'Água*, em 1980, a literatura passa a ser problematizada na sua essência substantiva, ou seja, na comparação ou no contraste com outros campos das ciências humanas, o que faria da literatura "literatura"? Essa se tornou uma questão candente no debate das associações de professores e pesquisadores aqui estudadas. Especialmente durante a gestão 1996-1998 da ABRALIC que promoveu um colóquio e organizou o congresso bienal da associação em 1998 pautados no

8 Brown, C. S. "The relations between music and literature as a field of study", em *Year Book of General and Comparative Literature*. Indiana: University Press, v. XXII, v. 2, 1970. Remak, Henry H. H. "Comparative Literature, its definition and function". In: Stallknecht e Frenz (ed.) *Comparative Literature: Method and Perspective*. Illinois: Southern Illinois University Press, 1971. Guillén, C. *Entre lo uno y lo diverso: introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Crítica, 1985. Carvalho, Tânia. *Literatura Comparada*, 1987.

9 *Revista Brasileira de Literatura Comparada* v. 1 e v. 2, 1991 e 1994.

10 *Idem*, v.1. 1991.

11 *Idem*.

12 *Idem*, v.2. 1994.

13 *Idem*.

14 *Idem*.

15 *Idem*, v. 3, 1996.

16 *Idem*.

17 *Idem*, v.4,1998.

problema da literatura e sua aproximação dos estudos de cultura. Nesse sentido, caberia ainda perguntar se essa pesquisa publicada, porque tornada pública, dos professores e pesquisadores de literatura não teria contribuído de maneira decisiva para o desaparecimento da literatura como área específica do Plano Curricular Nacional para o Ensino Médio que determina o que se ensina nacionalmente nesse grau de instrução. A Associação de Professores de Língua e Literatura, fundada em 1979, promoveu debates em torno do ensino da literatura e da necessidade de reorientação do processo de ensino/aprendizagem, bem como de uma nova postura frente à tradição literária. A revista *Inimigo Rumor*, a seu modo, reuniu em torno de seu local enunciativo autores de diversos estilos e escolas, privilegiando o gênero literário do poema, procedeu a uma mescla hierárquica. No entanto, o cânone modernista, cujo respeito ao ideário da nação moderna foi observado, permanece intacto nas revistas aqui estudadas. A *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, quando se deteve na sua vocação comparatista entre literaturas, preferiu falar daquela literatura canônica. Quase não há espaço para nova literatura nesses periódicos, com exceção da *Revista Linha d'Água*, na qual há a ruptura entre os campos lingüístico e literário, bem como ruptura entre texto crítico e o texto de criação, porém, ao observar a lista de autores citados nos ensaios da *Revista Linha d'Água*, logo se nota uma opção pelo estudo da obra e do autor canônicos.

A questão proposta por minha pesquisa permanece: a pesquisa avançada em literatura publicada nessas revistas tem influenciado, ou seja, tem produzido e reproduzido conhecimento, no tratamento da literatura como disciplina e na formação do cânone nacional? De fato, pelas análises já encaminhadas, percebe-se uma mudança, uma alteração do olhar para com objetos antes não compreendidos dentro das categorias de literatura e de nacional. Porém, se influencia no campo dos domínios, no campo dos objetos só faz alterar sua hierarquia, abdicando de amplificar propriamente a potência de leitura daqueles.

